

Bons negócios na calada da noite

Luiz Alberto Weber

Da equipe do **Correio**

Algumas pessoas incorporam ao nome próprio um talento exclusivo ou hábito desenvolvido ao longo da vida. Assim, o jogador Dario José dos Santos entrou para a história como Dario Beija-Flor (por sua capacidade de "parar" no ar, fato que explicaria seus muitos gols de cabeça). O economista Ricardo Sérgio de Oliveira virou personagem da política com a alcunha de Ricardo Sérgio No Limite da Irres-

ponsabilidade de Oliveira.

O apelido deve-se a uma frase pronunciada pelo economista quando era diretor da Área Internacional do Banco do Brasil (BB). A expressão foi captada por uma escuta clandestina. O economista teve suas conversas grampeadas, em 1998, durante processo de leilão de privatização da Telebrás. Na ocasião, Ricardo Sérgio disse estar no "limite da irresponsabilidade" quando autorizou a concessão de carta de fiança do BB a concorrentes do leilão das teles. Eram cartas de crédito que beira-

vam o R\$ 1 bilhão.

Ricardo Sérgio foi um dos personagens mais importantes nos leilões de empresas estatais desde fevereiro de 1995, quando assumiu o cargo de diretor da Área Internacional do BB. Essa importância estava vinculada à forte influência que tinha nas decisões de investimento da Previ, o fundo de pensão dos funcionários do BB, cujo patrimônio supera R\$ 21 bilhões. O poderio econômico da Previ a faz alvo do interesse de grandes empresas que buscam no fundo um sócio endinheirado.

No leilão da Tele Norte Leste, a Previ entrou como sócia dos dois consórcios que disputavam: o Telemar e o do Opportunity, que tinha a preferência do ex-ministro das Comunicações Mendonça de Barros e de André Lara Resende, então pre-

sidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Nas fitas ilegais, Ricardo Sérgio disse ao então ministro que concedeu ao banco Opportunity uma carta de fiança, espécie de garantia de uma instituição financeira para possibilitar a participação do grupo no leilão de privatização, e informa que já tinha concedido carta igual ao grupo Telemar.

FRASE PREDILETA

Especialista em trabalhar na sombra e sempre avesso a jornalistas, no mercado financeiro conta-se que uma de suas frases prediletas era: "Bons negócios são feitos na calada da noite". Fez fortuna na iniciativa privada.

Os diálogos captados pelas escutas sugerem que o ex-dire-

tor servia como uma espécie de ponte entre os interesses do governo e a Previ, que teve papel fundamental na privatização das teles.

Ricardo Sérgio é economista, tem 56 anos, e atuou na iniciativa privada na área financeira, chegando a ser um dos principais executivos do Banco Crefisul, pertencente ao Citibank. Depois montou uma corretora de valores com outros sócios, a RMC, mas foi obrigado a se desligar porque a publicidade negativa em torno de seu nome começou a espantar clientes.

Mesmo sem ser funcionário de carreira do BB, ele foi levado em fevereiro de 1995 ao cargo de diretor de Negócios Internacionais e Comercial da instituição por causa de suas relações com tucanos de primeira linha como o ex-ministro da Saúde

José Serra. O ex-diretor do banco é também muito ligado a Clóvis Carvalho, ex-ministro da Casa Civil. O todo-poderoso do primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso no Palácio do Planalto.

Ricardo Sérgio foi, por algum tempo, um funcionário público brasileiro com hábitos incomuns para os barnabés da capital. Servidores de carreira do banco lembram que o economista era freqüentador quase diário do restaurante Via Vecchia, reduto tucano do início do governo, onde um jantar para duas pessoas não sai por menos de R\$ 150.

De acordo com pessoas que conviveram com ele, o forte de Ricardo Sérgio são os restaurantes italianos. Em São Paulo, por exemplo, o preferido do economista é o Massimo, um dos mais tradicionais da cidade.